

## **Material utilizado: Tinta sob pele**

*Marina Lombardo*

Tatuagem, v. tr. Dir. (tatuagem tatu, pelo francês tatouer). Desenhar ou pintar (em parte do corpo), de maneira indelével, figuras ou imagens de pessoas, animais, hieróglifos ou outros emblemas.

Tatuagem, s. f. (tatuagem + ação). 1. Ação ou efeito de tatuar. 2. Arte de introduzir debaixo da epiderme substâncias corantes, vegetais ou minerais, para produzir desenhos indelévels, como se pratica entre os povos selvagens e entre marinheiros, soldados e criminosos.

Encyclopedia Britannica do Brasil, 1.990).

Passados quase 20 anos, o cenário é bem outro.

Hoje em dia carrega-se uma tatuagem de um modo tão exposto e por quê não blasé, quanto se carrega, por exemplo, uma...Sacola. Ou um colar. Ou uma estampa numa camiseta.

Ela não se esconde e tão pouco é motivo de exaltação.

Se o vestuário permite, ela aparece. Isso porque hoje, sua função é outra...

A tatuagem tornou-se parte do conjunto de adornos que há muito já era utilizada pelo ser humano.

De que se tem notícia, nada menos que 5.300 anos de idade data o registro da ocorrência de tatuagens. Encontradas em Ötzi, conhecido como "homem do gelo", a múmia resultante da conservação do intenso frio da região entre a Áustria e a Itália apresenta marcas em seu corpo, na coluna. Que poderiam ser de fim terapêutico, não se comprova, mas que não deixam de ser marcas...

Muito se diz da tatuagem ter surgido em um só canto do planeta e depois viajado para outros lugares. Porém, se for analisada a origem da música, da escrita e da linguagem, por exemplo, deve-se levar em conta que a tatuagem pode ter nascido do mesmo modo que nasceram essas outras manifestações: simultaneamente em várias regiões que não estabeleciam nenhum contato.

Tudo isso porque é possível observar que a arte da pintura corporal, sendo ela definitiva ou não, era praticada por povos americanos pré-colombianos; hindus; egípcios europeus e povos asiáticos. Ou seja, por todo mundo! É da natureza do ser humano o uso de pigmentos sobre (sobre) a pele.

Esses sinais tornam-se símbolos e como tais, comunicam: a escolha revela o que queremos que os outros saibam e pensem sobre nós.

Havia (há) pinturas festivas, religiosas e de guerra. Cada uma codifica a situação.

E para os povos que possuíam a técnica da pintura definitiva, condições que não eram flutuantes como posição social, o fato de ser um guerreiro ou um curandeiro, eram marcadas definitivamente em seus corpos para sinalizarem seu lugar na sociedade. A tatuagem modificava o corpo para comunicar e caracterizar, as pessoas usavam desse meio de comunicação para dizerem a que grupo cada uma pertencia.

A questão da descoberta do processo de tatuar começa com a observação de processos de cicatrização e invasão de substâncias sob a epiderme. Cicatrizes pelo corpo conferiam símbolo de coragem aos guerreiros que as possuíam. Desde a pré-história, as marcas no corpo resultantes da luta com um feroz animal ou com outra tribo eram carregadas como troféus. Um homem guerreiro, mesmo não possuindo marcas de luta, as fazia propositalmente para se identificar e sinalizar sua condição de valentia. E essa forma de representação foi evoluindo.

Assim como aconteceu com o povo egípcio, que usava da tatuagem para determinar divisões sociais (sacerdotes, esposas de faraós); para se embelezarem; para identificar prisioneiros; para cultos religiosos e para a fertilidade.

Na Grécia Antiga, a tatuagem era utilizada para marcar espíões e em Roma para marcar escravos e animais. Na Ásia ocidental, o povo Ainu usava tatuagens para revelar o estatuto social. Teria sido este povo o responsável pela introdução da arte no Japão, onde a tatuagem se tornou uma marca religiosa.

Os japoneses foram aperfeiçoando as suas técnicas, e a tatuagem que antes era usada para marcar criminosos, evoluiu para uma forma de arte, a tatuagem Tebori, de proporções grandes, tomando grandes partes do corpo.

Os nativos polinésios; filipinos; indonésios e os nativos da Nova Zelândia, (o povo Maori que utilizava a tatuagem facial, conhecida como Moko), usavam do artifício para rituais religiosos.

Os holandeses, saxões e nórdicos eram muitas vezes tatuados com a cota de armas da sua família. Assim pode-se perceber que os povos europeus tinham contato com a tatuagem também, antes da vinda da informação de outros mares.

Porém, no ano 787 d.C., o papa Adriano baniu as tatuagens, apesar de esta arte continuar a ser praticada pelos britânicos, até que no século XVI as tatuagens desapareceram da cultura ocidental.

Para a Igreja, qualquer má formação era vista como coisa do demônio, incluindo as tatuagens, que eram propositais e, portanto, pagãs.

Mas as expedições além-mar, além de especiarias começaram a trazer a arte de decorar o corpo para a Europa. Uma retomada.

Por volta de 1690, nativos que eram levados da Polinésia para a Europa como objetos de exibição fizeram despertar a curiosidade.

Alguns anos depois, o capitão James Cook retorna para Inglaterra de uma viagem ao Taiti. Lá, sua tripulação teve contato com os nativos e com a tatuagem. Ele é o pai da palavra "tattoo". Primeiramente escreveu "tattow", derivando-a de "tatau", som feito durante a execução da tatuagem, onde um martelinho batia em ossos finos como agulhas, utilizados para introduzir a tinta na pele.

Então, os marinheiros ingleses tatuados e a palavra Tattoo entraram em contato com diversas outras civilizações pelo mundo novamente. Eram consideradas amuletos para afastá-los de naufrágios, ataques de tubarões, afogamentos e para trazerem a lembrança da terra natal.

Porém o Governo da Inglaterra adotou a tatuagem como uma forma de identificação de criminosos em 1879 e a partir daí a tatuagem ganha uma conotação de marginalização no Ocidente.

Pode-se dizer que, o que se tornou "mundial" (pois a Europa era considerada o centro do mundo... pelos europeus, claro!) começou a ter sua história de altos e baixos.

Depois de todo o agito causado pela exposição dos nativos tatuados e o uso das marcas pelos marinheiros, apesar de ser considerada uma prática bárbara e dolorosa, coisa de "selvagem", feita inclusive pelos nórdicos que insistiam em invadir terras e guerrear; os nobres europeus, usuários inveterados de adornos e maquiagem, começaram a fazer uso da arte até então marginalizada. E a Igreja rebatia...

A "liberdade" dos marinheiros, soldados e prostitutas, o fato de não terem que corresponder a um rótulo na sociedade, de fazerem parte dos marginais ainda que não perseguidos, fez com que não descartassem o uso da tatuagem e que ela continuasse permeando os ambientes das cidades; sob o crivo do mistério, da lembrança, da sedução, da tristeza.

Não que todo marinheiro possuísse tatuagem, mas tatuagens poderiam ser encontradas em marinheiros e não em trabalhadores rurais, por exemplo. Era um universo particular.

Era uma outra conotação que não a de caracterizar um grupo ou um indivíduo dentro dele, pois essa mensagem não era lida por um todo, pela sociedade. Entende-se que não era um código, não era elemento convencionado para identificar. Habitava o universo do mistério. Marcava intimamente. Uma ascensão, frente ao que já passara.

Depois deste momento, passa a ser elemento de identificação novamente.

Sua nova queda veio junto com a II Guerra Mundial (1939-1945) onde deixara o misticismo e a sensualidade de lado para adotar o triste papel de marcar, identificar de forma industrial os prisioneiros do holocausto. Codificar.

A história de lá pra cá foi se desenrolando de modo a marcar pessoas marginalizadas e que de algum modo deviam ser destacadas da sociedade, como acontece com presos e rebeldes. Com a tatuagem, essas pessoas dedicavam sua lealdade à condição e ao grupo que pertenciam e mostravam isso aos outros por meio dolorido e indelével.

Aqui no Brasil, a tatuagem taitiana que acompanhou tantos marujos, mas já modernizada, desembarcou nos anos 60 adentrando território pelo Porto de Santos, vindo de encontro com a arte corporal de nossos índios, tão enfeitados e comunicativos.

Antes da euforia vivida atualmente, a tatuagem significava algo não só para quem a possuía, mas também no âmbito da coletividade. Era claro que, uma pessoa com figura de âncora no braço pertencia a uma certa realidade, diferente de um outro indivíduo, brasileiro, com uma figura de Nossa Senhora Aparecida; que diferiam ambos de uma pessoa com enormes tatuagens geométricas por todo o corpo: sim, um taitiano.

A tatuagem era entendida como o meio sendo a própria mensagem. O próprio ato doloroso de invadir o corpo de modo irreversível era visto por muitos como algo negativo, mesmo não possuindo esse estigma na essência, independente do desenho a ser feito.

Hoje em dia esse meio é mais um adorno, que pode vir a representar algo pra o tatuado, ou não. E são muito sutis as alusões que cada um faz à sua tribo.

É muito mais um conjunto formado por cores, vestuário, linguagem verbal e não-verbal que nos leva a identificar algo sobre a pessoa do que um tribal tatuado em seu braço. Só pela tatuagem é impossível identificá-lo dentro de um grupo como seria possível antigamente.

A tatuagem perdeu o sentido de caracterizar o indivíduo dentro de um grupo e ganhou cunho pessoal.

Ainda é um ritual de passagem, modo de preservar lembranças, de marcar momentos. Assim como era para os índios que as usavam para marcar a passagem para a fase adulta. Mas o sentido que conhecemos hoje é de significado pessoal. Ritual de passagem individual. De código, passou a símbolo.

Tanto é pessoal, que o suporte torna-se o determinante da arte e não o próprio artista: o suporte procura o tatuador, que tem que aguardar a oportunidade para manifestar sua arte.

É um acessório de moda, totalmente individual, e o ritual da não-dificuldade em fazê-la traz um questionamento: se a tatuagem se perderá por desgaste proveniente do seu intenso uso e por algum despropósito do mesmo também. Tudo que se populariza demais pode cair em desuso...

Cada um tem a sua, desenhada quase que exclusivamente como se fosse uma característica única, fazendo parte do corpo e se manifestando do mesmo modo que uma característica genética.

É o enfeite, coisa da qual o ser humano, principalmente o brasileiro, não consegue se desfazer.

Apesar do corpo tentar se desfazer dela a todo o momento. Processo engraçado. Do mesmo modo que a tatuagem está literalmente tatuada na sociedade, a mesma tenta por algumas vias elimina-la.

Como acontece no corpo.

O suporte é determinante. A tatuagem é gerada a partir de um processo inflamatório, que levará ao aparecimento de células chamadas macrófagos.

O pigmento introduzido é então fagocitado<sup>1</sup> por macrófagos locais. Essas células tentam "destruir" os pigmentos.

Não conseguindo, os macrófagos e os pigmentos ficam como que "aprisionados" no local, formando o desenho que o tatuador realizou.

As imagens tendem a manter-se pelo fato de haver várias gerações de macrófagos que podem apoderar-se, localmente, da pigmentação que fica disponível com a morte de outros.

E assim o ser humano propaga sua cultura.

Um segura, morre, solta e outro vem e se apodera. Lembra algo?

A história repetindo a ciência.

É, portanto pelo fato de se introduzir na derme<sup>2</sup> que os pigmentos ficam para sempre na pele, ao passo que, quando nos riscamos com uma caneta, uma vez que o pigmento vai se restringir à epiderme, a tinta sai com algumas lavagens.

O que não é superficial tende a ser de difícil extinção.

1. Fagocitar: processo pelo qual a célula envolve uma partícula com seu próprio corpo, como se fosse uma "digestão" realizada pelas células, quando encontram um corpo estranho, alimento.

2. Derme: segunda camada da pele.

**Disponível em: <<http://www.zupi.com.br>>. Acesso em 14 mar. 2007**